

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Oposição constrói candidatura

Até mesmo aqueles que juram que não estão conversando a respeito ultimamente não tratam de outro assunto: a construção de uma candidatura de esquerda não necessariamente do PT, mas que certamente exclui a hipótese Luiz Inácio Lula da Silva para a presidência da República. A movimentação, na chamada esquerda moderada, hoje centra seu foco em dois nomes para presidente: o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro, do PSB, e o governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque. Lula sabe dessas conversas, mas ainda não firmou posição a respeito. Disse apenas que não será empecilho para nada e que, com ele, o PT não perderá de novo isolado, como aconteceu em 1994.

O plano inclui a eleição de uma bancada de deputados federais de arrasar: o próprio Lula, Luiza Erundina, Leonel Brizola (pelo Rio ou Rio Grande do Sul), Jorge Bittar, Vítor Buaiz, Miguel Arraes e Patrus Ananias (ex-prefeito de Belo Horizonte) são alguns dos nomes cogitados. Justamente para formar num núcleo de oposição que possa, de um lado, dar origem a um futuro partido caso o PT saia do encontro do próximo dia 29 prisioneiro da esquizofrenia habitual e, de outro, estabelecer uma real e elevada interlocução de contrários com o governo.

"Com gente desse porte no Parlamento, o governo terá de falar com a oposição em termos bem diferentes daqueles que usou até agora", acredita o deputado Paulo Delgado, um dos articuladores dessa fórmula.

O objetivo é romper com posturas meramente críticas. "A denúncia da miséria é função do intelectual. Ao político cabe buscar soluções para a miséria."

Discordando abertamente de seu partido há muito tempo – Delgado pode até mesmo ser considerado um pioneiro na prática da discordância aberta e continuada –, o deputado não pretende, no entanto, seguir agora o caminho do governador Vítor Buaiz. "Se for para ir para partido velho, não saio."

Ou seja, prefere esperar para ver se, de fato, essas conversas em torno da formação de um novo partido adquirem mesmo consistência. Fora que Paulo Delgado ainda crê – tenuemente, é verdade – que do encontro nacional do dia 29 o PT possa sair com uma solução.

Pela moderação ou pela radicalização, não importa. Na opinião dele, o principal é que o partido faça uma opção clara. "O PT tem de chegar à conclusão de que o Brasil é maior e mais importante que o PT." O deputado apóia a candidatura à reeleição do atual presidente, José Dirceu, e defende que ele deve tentar fazer, de fato, valer a maioria que representa ou então "cair fora".

"Um partido que comemora perdas em vez de buscar adesões não pode ser normal."
(Paulo Delgado)

Embora acredite que o adversário de Dirceu, Milton Temer, tenha instalado no partido uma agenda ideológica com atraso de pelo menos 10 anos – "talvez porque ele só tenha entrado no PT 10 anos depois da fundação" –, não há dúvida de que conseguiu reunir em torno de si parcela significativa de petista. "Em torno de 40%."

Nessa situação, mesmo ganhando, o grupo de Dirceu não conseguirá alterar o velho quadro onde o vencedor ganha mas não leva. Onde as tendências simplesmente não seguem a política da direção, que se mostrou majoritária.

"Melhor um PT unificado em qualquer dos lados do que continuar a ter uma cabeça moderada num condomínio radical ou uma cabeça radical num condomínio moderado."

Por isso é que ele acha que, já no início do encontro, José Dirceu deve deixar bem clara a diferença entre o que pretende seu grupo daquilo que querem os que formam ao lado de Milton Temer e estabelecer um compromisso do conjunto do partido com as teses de quem ganhar.

"Se não for assim, o José Dirceu ganha, mas vão lhe enfiar teses radicais pela goela abaixo."

E aí, na opinião de Paulo Delgado, estará o PT outra vez preso na antiga e paralisante dicotomia. "Só nos restará então deixar que o eleitor decida o destino do partido. Taremos um candidato próprio, continuaremos resistindo a ceder a cabeça-de-chapa nos estados onde isso for importante para firmar alianças e nenhum dos outros partidos virá conosco."

Por essas e por outras é que Delgado diz que os moderados já se mexem em busca de alternativas. "Itamar Franco e Ciro Gomes podem se surpreender com decisões diferentes daquela que eventualmente poderia passar por um apoio a candidaturas de qualquer um dos dois."

Ele acha que o que chama de "esquerda moderna" está cada vez mais convencida de que o PT mostra-se incapaz de realizar a agenda social que essa mesma esquerda quer realizar e que, por isso, organiza uma solução diferente.

"A esquerda quer um partido para solucionar a crise e não um partido que seja a própria crise."

Cita o episódio da saída de Vítor Buaiz para mostrar "como o PT hoje festeja mais o divórcio que o casamento". Um lado usou essa saída para acusar o outro, ambos culpando-se reciprocamente. Os radicais tentando demonstrar a inviabilidade da convivência com um neoliberal traidor. E o moderado comemorando a explicitação dos malefícios do sectarismo.

"Um partido que festeja e comemora suas perdas no lugar de buscar adesões e saudar as inclusões não pode ser normal."